

CARLA SILVA ALVES

**EDUCAÇÃO RELIGIOSA INFLUENCIA NO COMPORTAMENTO**

Rio de Janeiro

2005

Carla Silva Alves

## **EDUCAÇÃO RELIGIOSA INFLUENCIA NO COMPORTAMENTO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Pedagogia do Centro de Ciências  
Humanas e Educação da UNIRIO, como  
requisito para obtenção do grau de pedagogo,  
orientado pela professora  
Valéria Cristina Lopes Wilke

Rio de Janeiro

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
CURSO DE PEDAGOGIA  
ALUNA: CARLA SILVA ALVES

## **EDUCAÇÃO RELIGIOSA INFLUENCIA NO COMPORTAMENTO**

Trabalho apresentado à disciplina Monografia,  
como requisito de avaliação  
orientado pela professora  
Valéria Cristina Lopes Wilke

Rio de Janeiro  
2005

DEDICATÓRIA

A DEUS PELA INSPIRAÇÃO

AOS MEUS PAIS PELO AMOR

AOS MEUS AMIGOS PELO INCENTIVO

A COMUNIDADE DA MINHA IGREJA QUE

SERVIU DE MOTIVAÇÃO, BASE E

TESTEMUNHO DE VIDA E CONDUTA

**AGRADECIMENTOS**

**AOS MEUS PAIS**

**A MINHA ORIENTADORA**

**AS MINHAS AMIGAS DE SALA DE AULA**

**QUE SEMPRE ESTIVERAM AO MEU LADO**

**NOS MOMENTOS DIFÍCEIS**

**AO PROFESSOR MARCELO LUZ QUE ME**

**AJUDOU COM NO INÍCIO DESTE PROJETO**

## RESUMO

O estudo teve como objetivo investigar a influência dos ensinamentos religiosos ministrados nas Escolas Bíblicas Dominicais na vida das crianças. Para tanto, foi utilizada como metodologia a pesquisa de campo na qual foram entrevistadas cinco professoras, tanto de instituições públicas quanto de instituições privadas. A fim de confirmar a observação e a análise realizadas, foi construído um roteiro de entrevista, a partir da revisão feita na Literatura sobre o assunto; da experiência vivenciada nas igrejas; e da observação de crianças evangélicas após a ministração dos ensinamentos religiosos. Verificou-se que o trabalho com as crianças evangélicas em suas igrejas provoca uma real mudança no comportamento infantil ocorre efetivamente, porém foi constatado que a família tem um influência igual ou superior a educação religiosa ministrada nas igrejas. E finalizou-se, apresentando algumas recomendações finais no sentido de contribuir para a melhoria do trabalho das Escolas Dominicais de maneira que estas espelhem-se na educação formal no sentido de preparar melhor seus docentes, em especial no que diz respeito à questão da formação docente para que estes sejam cada vez mais capazes de instruir as crianças nos ensinamentos cristãos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino religioso não formal, aprendizagem do educando, mudança de comportamento, importância do docente na formação do discente.

## SUMÁRIO

1. Introdução -----	08
2. O que é educação -----	11
3. Breve histórico do início da educação religiosa no mundo cristão -----	14
A educação no Brasil -----	21
4. História da Escola Dominical no mundo -----	32
4.1. No princípio era o verbo -----	32
4.2. A escola dominical no Brasil -----	38
5. Análise dos resultados -----	39
6. Considerações finais e Recomendações-----	43
7. Referências Bibliográficas -----	47
8. Anexos -----	49

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo demonstrar, por um lado, o quanto a religião influencia na vida das pessoas, especialmente na vida das crianças e a eficiência dos ensinamentos religiosos apresentados na igreja. No caso deste trabalho, a igreja focada foi a protestante. Por outro lado, pretendi demonstrar a necessidade da compreensão e da separação por parte do docente em relação as diferentes religiões apresentadas em uma sala de aula, uma vez que o professor tem muita importância na formação moral, ética, social, afetiva e crítica do indivíduo.

O professor é muito importante, pois é alguém que exerce o magistério e precisa ser a pessoa que vai abrir os horizontes de seus alunos de maneira que estes vivenciem os mais diversos pontos de vista encontrados em uma sociedade, para que tenham uma formação suficientemente concreta de forma que possam distinguir o que é bom ou mau para ele.

Foi realizada uma pesquisa com base em textos e ainda foi utilizado um questionário como instrumento metodológico para entrevistar cinco professoras de ensino fundamental de três instituições diferentes, sendo elas pública e privada.

Este estudo pretendeu demonstrar que o ensino religioso pode se dar tanto no espaço formal – a escola, quanto nos espaços não formais como no caso das igrejas. Neste caso podemos citar como exemplo escolas dominicais, no caso do cristianismo protestante ou o catecismo, no caso do cristianismo católico. No caso do ensino religioso formal, embora tenha havido a separação entre Estado e igreja na época da instituição da República, não deixou de existir nas escolas confedacionais. Contudo, foi retirado da rede pública de educação. Mas, apesar disso, em 11 de agosto de 1971 foi promulgada a lei 5.692 onde constava no artigo 7 que as escolas voltariam a ter, como parte do seu currículo, o ensino religioso, porém essa disciplina teria um cunho facultativo.

Objetivei também demonstrar<sup>PNV</sup> a aprendizagem é tema central na atividade do professor, seja este o docente da escola formal ou aquele que está ensinando nas igrejas. Costuma-se definir aprendizagem dizendo que se trata de uma mudança de comportamento. Aqui precisamos entender comportamento no sentido mais amplo que esta palavra possa ter como, por exemplo, a criança que ao entrar na classe de alfabetização, não lê, e, ao final do ano, está lendo ou até mesmo aquela que vai à igreja e demonstra uma mudança comportamental, a partir do que aprendeu na escola dominical.

O termo, portanto, não se aplica somente às ditas aprendizagens escolares, que o estudante deve, através de uma prova, demonstrar<sup>✓</sup> que adquiriu. Aprendizagem é fenômeno<sup>LA</sup> do dia a dia, que ocorre desde o início da vida e nisso se enquadra o aprendizado da criança fora da escola.

O ensino religioso é algo que está previsto em lei e consta no parágrafo único do artigo 7 da Lei 5.692 que estabelece que o ensino religioso é de matrícula facultativa e constitui disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de primeiro e segundo graus.

Para tanto, é preciso que o professor saiba lidar com a espiritualidade dos seus estudantes e lembre-se de que os estudantes têm liberdade de crença, como qualquer cidadão brasileiro. Com relação a temas da espiritualidade, o importante é saber que temos de nos respeitar, sem constranger quem pensa de um modo distinto do nosso. Respeito independe de concordância e essa é a grande lição que a escola pode ensinar.

O professor deve estar preparado para refletir sobre a relação entre escola e religião e compreender a importância de respeitar a liberdade de crenças. Ele deve estar atualizado sobre o que dizem as leis sobre esse assunto e conhecer o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que explicita que o ensino religioso nas escolas de Ensino Fundamental é parte integrante da formação básica do cidadão, tendo matrícula facultativa e

devendo ser multiconfessional, o que significa que todas as religiões devem ter as mesmas oportunidades de estudo.

É importante que fique claro que o docente deve refletir sobre seu papel na construção da espiritualidade dos estudantes e que há valores que têm relação direta com a religião e que podem ser ensinados independentemente de crenças como o respeito mútuo, a não-violência e a compreensão do outro e de sua diversidade.

É de suma importância, também, que o professor da escola dominical saiba de sua importância e, principalmente, de sua influência na vida e no comportamento das crianças. Para tanto, é fundamental que sua formação seja algo concreto e com bases teoricamente fundamentadas, pois assim como o professor da escola formal, é primordial que o docente de educação religiosa não formal seja bem preparado para não ter surpresas em sua caminhada.

Neste trabalho, o leitor encontrará no segundo capítulo uma definição sucinta do que é a educação e o significado de educação religiosa formal e não formal. No capítulo três o leitor terá acesso a um breve histórico do início da educação religiosa no mundo cristão. No capítulo seguinte, será possível efetuar a leitura a respeito da educação no Brasil. No quarto capítulo há a história da Escola Bíblica Dominical no mundo e no Brasil e ainda a apresentação do ensino religioso na época do Antigo Testamento. A análise de dados aparece no capítulo cinco. Finalmente, a conclusão encontra-se no capítulo sexto.

## 2. O que é educação?

Segundo a seção I do capítulo III da Constituição da República Federativa do Brasil que se refere à educação, a cultura e ao desporto, a palavra educação significa algo que deve ser promovido e incentivado com a colaboração de forma que o desenvolvimento do indivíduo seja pleno para que sua cidadania seja exercida de forma completa e que este seja plenamente qualificado para o trabalho (1988, p. 95).

A educação pode ser definida como:

[...] o processo vital de desenvolvimento e formação da personalidade, a educação não se confunde com a mera adaptação do indivíduo ao meio. É atividade criadora e abrange o homem em todos os seus aspectos. Começa na família, continua na escola e se prolonga por toda a existência humana.

Educação é o processo pelo qual uma pessoa ou grupos de pessoas adquirem conhecimentos gerais, científicos, artísticos, técnicos ou especializados, com o objetivo de desenvolver sua capacidade ou aptidões. Além de conhecimentos, a pessoa adquire também, pela educação, certos hábitos e atitudes. Pode ser recebida em estabelecimentos de ensino especialmente organizados para esse fim, como as escolas elementares, colégios, conservatórios musicais, universidades, ou através da experiência cotidiana, por intermédio dos contatos pessoais, leitura de jornais, revistas, livros, apreciação de pinturas, esculturas, filmes, peças musicais e de teatro, viagens e conferências.

O objetivo primordial da educação é dotar o homem de instrumentos culturais capazes de impulsionar as transformações materiais e espirituais exigidas pela dinâmica da sociedade. A educação aumenta o poder do homem sobre a natureza e, ao mesmo tempo, busca conformá-lo aos objetivos de progresso e equilíbrio social da coletividade a que pertence.

(<http://www.coladaweb.hpg.ig.com.br/diversos/educacao.htm>)

Já a educação religiosa formal, que é um dos componentes da gama de possibilidades da educação, tem como objetivo *“um conhecimento qualificado do que seja dimensão religiosa da existência”* (ARESI apud FERNANDES, 2000, p. 29) visto que sem esse conhecimento *“no momento em que o homem se abstém de relacionar-se com o Absoluto ele se joga na inquietação, no vazio, no desespero e na angústia existencial...”* (SANDRINI apud FERNANDES, 2000, p. 29).

O ensino religioso ministrado na escola tem como função orientar e ajudar as crianças em relação as suas dúvidas tanto internas quanto externas, de maneira que elas aprendam os

princípios morais e éticos e assimilem também os valores cristãos importantes também para a boa convivência em sociedade.

Já a educação religiosa ministrada nas igrejas tem como objetivo não somente a capacitação do homem para transformação de sua vida material e espiritual, o desenvolvimento e a formação de sua personalidade e a abrangência do homem nos seus mais variados aspectos, mas fazer com que o cristianismo flua em sua vida e, no futuro, a transforme com base em lições absorvidas através de fatos do passado, aprendidos e apreendidos de acordo com a Bíblia. Ou seja, a escola dominical tem como pretensão a conversão das pessoas ao evangelho e a sua permanência na igreja, visto que a transformação na vida das pessoas se dá porque, à medida que elas recebem ensinamentos baseados na Palavra de Deus, em geral, se voltam para Ele.

Contudo, segundo minha observação como assistente, frequentadora da escola dominical e, principalmente, como estudante de Pedagogia, é notório que os professores de educação religiosa formal e não formal têm uma enorme dificuldade de correlacionar os fatos bíblicos com os fatos do cotidiano dos alunos, uma vez que os primeiros aconteceram há muitos séculos atrás. Argumento este muito utilizado pelos alunos. Porém, é necessário que fique claro que o ensino cristão é algo que deve ser vivenciado não somente pelos alunos, mas principalmente pelos professores não somente nas escolas dominicais como nos catecismos, nas igrejas de modo geral, nas escolas, etc. para que, assim como nas escolas formais, também nas escolas não formais, os alunos confiem no que o docente diz, pois vêem que ele vive o que fala e fala o que vive. Para tanto, o docente de ensino religioso não formal deve se preparar tanto quanto aquele que leciona o ensino religioso formal.

Em relação ao ensino religioso formal a Lei 9.475 de 22 de julho de 1997, estabelece que:

"Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas

públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

(Lei Federal 9.475, de 22 de julho de 1997)

Em relação ao ensino religioso não formal não há leis a esse respeito, pois o governo não tem controle sobre as igrejas.

### 3. Breve histórico do início da educação religiosa no mundo cristão

Uma das primeiras vezes que a educação religiosa foi abordada depois de Cristo foi em Roma. No início da república romana, a educação era ministrada na família e na vida social. O pai era responsável pelo ensinamento dos preceitos morais, cívicos e religiosos dos filhos e era publicamente censurado quando fracassava neste ensino. O jovem aprendia assim a reverenciar os deuses, a ler e a conhecer as leis do país.

Em meio ao império romano floresceu o cristianismo, uma religião surgida numa província do meio oriente como uma dissidência do judaísmo. Até o século IV o cristianismo sobreviveu como religião não oficial, passando por momentos de perseguição por parte das autoridades romanas. Em 313, na época de Constantino, o cristianismo se tornou uma religião lícita, o que permitiu, dentre outras coisas, a liberdade de culto e de ensinamento para os cristãos. No fim do século IV, por volta de 382/386, o cristianismo passou a ser a religião oficial do vasto império romano.

Nos primeiros cinco séculos, a base doutrinária e a estrutura eclesiástica foram sendo elaboradas e desta elaboração participaram, de um modo geral, comunidades cristãs de diferentes regiões e tradições e, de modo particular, personagens eclesiásticos como bispos, presbíteros, diáconos, etc; e como Irineu de Lião, Tertuliano, Gregório de Nissa, Basílio da Capadócia, Agostinho de Hipona, que, dentre outros, tiveram o meritório trabalho de sistematização do conhecimento religioso cristão e de refutação de interpretações que, ao não serem aceitas como ortodoxas, passaram a ser vistas como heresias.

Após a divisão do império romano (ocidente – oriente), a banda ocidental não resistiu aos ataques dos diferentes povos bárbaros que, paulatinamente, foram se convertendo ao cristianismo, fosse ele o de tradição niceno-calcedoniana<sup>1</sup>, fosse ele ariano<sup>2</sup>. Com a vitória de

---

<sup>1</sup> Conforme o *Credo* (Símbolo da Fé) estabelecido no concílio de Nicéia, em 325, e complementado pelo Concílio da Calcedônia, 450/451. Aí foi afirmada a igualdade substancial do Pai (Deus Pai) e do Filho (Jesus Cristo).

Clóvis, rei dos Francos, teve início a ascensão do cristianismo do credo nicênico, que é o que vigora até hoje de modo hegemônico no ocidente.

Apenas tangenciando a história do desenvolvimento do cristianismo no ocidente, pois este não é o objetivo deste estudo, é possível afirmar que por volta dos séculos XII e XIII, no auge da Escolástica, o cristianismo contribuiu firmemente para a criação das universidades onde, sob a coordenação da teologia e da filosofia, era desenvolvida a educação formal dos saberes da época. O curso mais importante era o de teologia, o que por si só deixa claro a relevância dos temas abordados por este saber, em especial a existência de Deus, para a cultura medieval.

A ampla cultura geral era a base do esquema de instrução e das quatro faculdades que compunham a universidade, a de artes funcionava como preliminar às de teologia, direito e medicina. A educação da época era voltada para na preparação de pajens e senhores na arte da cavalaria e tinha como um de seus focos o ensino espiritual e não se opunha à religião, pois a cavalaria era santificada pelos clérigos. A obra dos escolásticos ficou completa com a unificação dos conhecimentos existentes e a sistematização da teologia.

O período renascentista sacudiu a sociedade europeia com a necessidade da volta ao período clássico greco-romano: o retorno às fontes. Por outro lado, a sociedade medieval, já em decadência, passou a ser questionada no que tange à sua organização política, econômica, religiosa, científica e artística.

No bojo deste questionamento amplo, algumas bases religiosas cristãs foram combatidas, especialmente às ligadas ao poderio político papal construído a partir das conseqüências da reforma gregoriana, nos séculos XI, XII e XIII, ao embate papa X imperador decorrente destas conseqüências e aos desmandos morais da hierarquia eclesiástica

---

<sup>2</sup> Arianismo: doutrina estabelecida pelo presbítero de Alexandria, Ário, que pregava que o Filho não era eterno como o Pai e sim sua primeira e mais excelsa criatura. Esta doutrina foi refutada pelo Concílio de Nicéia, Ário foi exilado, mas sua doutrina evangelizou muitos dos povos bárbaros.

muito mais preocupada com os problemas políticos das grandes famílias nobres do que com os problemas religiosos.

O anseio pela reforma do cristianismo mais uma vez assaltava a cristandade, tanto na parte que após a cisma de 1517 permaneceu fiel a Roma, quanto nas partes que romperam com Roma.

No que conhecemos hoje como Alemanha surgiu uma firme manifestação contrária ao cristianismo romano conduzida por um frade dominicano, Martinho Lutero, que contou com o apoio dos príncipes alemães que lutavam por seus interesses políticos contrários aos do império. A ação de Lutero reagiu contra alguns aspectos doutrinários da igreja católica e contra os abusos eclesiásticos. Esta reação ficou conhecida como a Reforma Protestante de Lutero.

A Reforma Protestante se deu no século XVI quando a Europa foi abalada por uma série de movimentos religiosos que contestavam abertamente os dogmas da igreja católica e a autoridade do papa. Estes movimentos, conhecidos genericamente como Reforma, tiveram também cunho religioso e estavam ocorrendo ao mesmo tempo em que as mudanças na economia européia, juntamente com a ascensão da burguesia. Por isso, algumas correntes do movimento reformista se adequavam às necessidades religiosas da burguesia, ao valorizar o homem “empreendedor” e ao justificar a busca do “lucro”, sempre condenado pela igreja católica.

Uma das causas importantes da Reforma foi o humanismo evangelista, crítico da Igreja da época que se situa bem dentro do propósito renascentista de “volta às fontes”. A Igreja havia se afastado muito de suas origens e de ensinamentos basilares, como pobreza, simplicidade, sofrimento. No século XVI, o catolicismo da hierarquia era uma religião de pompa, luxo e ociosidade. Surgiram críticas em alguns livros, dentre eles, *o Elogio da*

*Loucura* (1509), de Erasmo de Rotterdam, e estas se transformaram na base para que Martinho Lutero efetivasse o rompimento com a igreja católica.

Moralmente, a Igreja estava em decadência: preocupava-se mais com as questões políticas e econômicas do que com as questões religiosas. Para aumentar ainda mais suas riquezas, a Igreja recorria a estratégias arraigadas, como, por exemplo, o comércio de cargos eclesiásticos (simonia), o comércio de relíquias e, principalmente, o comércio das famosas indulgências, que foram a causa imediata da crítica de Lutero. O papado garantia que cada cristão pecador poderia comprar o perdão da Igreja.

A formação das monarquias nacionais trouxe consigo um sentimento de nacionalidade às pessoas que habitavam uma mesma região, sentimento este desconhecido na Europa feudal. Esse fato contribuiu para o declínio da autoridade papal, pois o rei e a nação passaram a ser mais importantes. Na realidade, a Idade Média havia sido pontuada por conflitos e reflexões acerca da disputa de poder entre o papado e o império. Na renascença este conflito explodiu de fato e as bases da política medieval não conseguiram conter a quebra da cristandade em estados nacionais e o refluxo da autoridade papal sobre a sociedade civil.

Outro fator muito importante, ligado ao anterior, foi a ascensão da burguesia, que, além do papel decisivo que representou na formação das monarquias nacionais e no pensamento humanista, foi fundamental na Reforma religiosa. Ora, na economia feudal, a única forma de riqueza era a terra; o dinheiro, o comércio e as incipientes atividades bancárias eram práticas marginais; trabalhar pela obtenção do lucro, que é a essência do capital, era pecado. A burguesia precisava, portanto, de uma nova religião, que justificasse seu amor pelo dinheiro e incentivasse as atividades ligadas ao comércio.

As doutrinas protestantes, criadas pela Reforma, satisfaziam plenamente os anseios desta nova classe, pois pregava o acúmulo de capital como sinal da obtenção do paraíso

celestial. Assim, grande parte da burguesia, ligada às atividades lucrativas, aderiu ao movimento reformista.

Todas essas mudanças fizeram com que por volta de 1870, surgissem os primeiros colégios protestantes em cidades importantes do ponto de vista estratégico missionário.

*Parece-me que no início da atividade missionária protestante a escola é complemento natural à igreja. As razões de sua instalação não são filantrópicas, mas doutrinárias: o analfabetismo era empecilho ao aprendizado da doutrina protestante, calcada na leitura da Bíblia, de livros e revistas denominacionais.*<sup>3</sup>

([http://www.grupoemaus.com.br/confessionais/martin\\_lutero\\_arquivos/formacao\\_escolar\\_luterana.htm](http://www.grupoemaus.com.br/confessionais/martin_lutero_arquivos/formacao_escolar_luterana.htm))

A propagação da fé cristã estava vinculada à difusão de valores culturais e na educação protestante vieram embutidos o liberalismo, o individualismo e o pragmatismo.

Como afirma Dreher (ibid):

*O protestantismo luterano e o protestantismo de missão não pretendiam, assim como o catolicismo, apenas educar para a fé, mas dar também expressão aos valores da vida cristã, identificados aos valores-padrão da cultura da Alemanha, dos Estados Unidos ou de outros países dos quais viessem missionários.*

Na visão de Lutero, que foi professor na Universidade de Wittenberg de 1508 até 1546, ano em que morreu, o professor era também um catequista, uma vez que a escola tinha por tarefa formar bons cristãos. Com a descoberta da salvação gratuita, da justificação por graça e fé, também mudou, para Lutero, o foco do ensino.

O alvo da ética não era mais o céu, como a garantia da própria salvação também pelo estudo, mas a terra, a preservação das coisas criadas por Deus. Ainda para Lutero, "*a educação é de responsabilidade da autoridade civil e não da autoridade eclesiástica*", disse Dreher. Lutero fez essa afirmação, pois, tanto escolas formais como escolas dominicais eram mantidas pelas autoridades civis.

---

<sup>3</sup> Martin Norberto Dreher, pastor emérito e professor de História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em sua apresentação no dia 03 de agosto de 2004 aos mais de 500 professores da Rede Sinodal de Educação, vinculada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB.

Sempre que fosse investido um florim em gastos militares, defendia o reformador, deveriam ser investidos cem florins em educação. *"Para Lutero está claro que governar é criar e manter escolas"*, apontou Dreher em sua palestra.

Para Lutero, a educação deve ser lúdica: deve-se aprender jogando, cantando e dançando, mas, acima de tudo, propulsora da liberdade evangélica. Lutero defendia escola pública formadora de bons cidadãos. O reformador propôs uma escola cristã, gratuita e obrigatória, à qual toda a população teria acesso. *"Ela não é questão de elite leiga ou religiosa"*, destacou o professor de História, Martin Norberto Dreher.

A Reforma religiosa dividiu a Europa em dois campos antagônicos e grande parte das escolas e das universidades aceitou com alguma frieza os estudos humanistas. Esse antagonismo causou, sobre a educação, um efeito desastroso e fez com que várias escolas desaparecessem devido ao fato de que muitas das propriedades eclesiásticas onde estavam instaladas foram secularizadas. A decadência cultural e a dissolução dos costumes se instalaram nas universidades devido, sobretudo, a invasão das discussões teológicas a favor ou contra a Reforma.

A igreja deteve o controle da educação nos países católicos e, a partir da supressão dos abusos eclesiásticos pelo Concílio de Trento e da energia da Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola, foi recuperada para a igreja a maior parte do sul da Alemanha. As universidades passaram a ser dirigidas por padres e o sistema escolástico, isento dos exageros, foi restaurado. Os métodos de ensino da Companhia de Jesus e seu currículo clássico, elaborado com grande habilidade, voltaram a ganhar fama.

Contudo, o estudo da literatura clássica não deixou transparecer qualquer antagonismo com a fé católica e várias escolas inglesas procuraram divulgar o estudo clássico juntamente com o ensinamento religioso.

Percebemos que na Idade Média, quando a sociedade tinha como referência maior a perspectiva da transcendência, o ensino e a religião fundiam-se num só ato. Porém, após o renascimento e a Idade Moderna, foi sendo produzida uma perspectiva oposta a esta para as relações entre ensino e religião.

Esta aparente contradição se explica pelo papel que é atribuído à educação. Assim, na ordem social a instrução deve necessariamente ser pública, uma vez que representa um instrumento essencial de legitimação de uma ordem social em que a igualdade, a liberdade e a justiça, formalmente definidas, aliam-se, na realidade, à desigualdade, à dominação e à injustiça.

O Renascimento surgido na Itália no século XV, mesmo século do descobrimento do Brasil, espalhou-se por toda a Europa já no século seguinte. Isso aconteceu em virtude da rapidez da divulgação cultural a partir da invenção da Imprensa. O trabalho de recuperação e tradução dos textos antigos desenvolvido pelos humanistas contribuiu para a substituição gradativa do ensino religioso pelo ensino laico nas universidades. A cultura deixou de ser exclusividade dos membros da Igreja e da nobreza, atingindo camadas mais amplas da burguesia emergente, que a encarava como um meio de destaque social, substituidor dos títulos de nobreza e do sangue aristocrático que ela não possuía. As descobertas científicas recentes voltavam a privilegiar o racionalismo, indicando uma tendência antropocêntrica que ressaltava ainda mais a distância em que o mundo se encontrava da era medieval .

Convencido e consciente de sua capacidade, o homem, agora, preocupava-se com a sua realidade diária, concreta, humana, terrena e menos com as idéias de morte com a salvação da alma. Evidentemente, isso não significava uma onda de ateísmo declarado, mas uma mudança de se tornar a "medida de todas as coisas".

O antropocentrismo da sociedade européia descrito acima deságua na identificação com conceitos da cultura greco-latina, que passa a ser valorizada, resgatada, estudada e

facilmente assimilada e incorporada a hábitos e tradições e à visão de mundo de artistas e intelectuais europeus. A cultura greco-latina se sobrepõe ao quadro espiritual herdado da idade média, mas a educação religiosa continuou progredindo e em 1780 foi fundada na Inglaterra pelo missionário Robert Raikes a escola dominical. Esta fundação foi muito importante para o ensino religioso no Brasil visto que alguns anos mais tarde, mais precisamente em 1855, seria fundada a escola dominical no Brasil.

### **A educação no Brasil**

A educação brasileira pode ser estudada pelas grandes rupturas que podem ser observadas ao longo de sua história. A primeira ruptura marcante foi a chegada dos portugueses, nossos colonizadores, ao Brasil, pois embora os povos que aqui vivessem já possuíssem uma maneira própria de educar<sup>4</sup>, os portugueses lhes apresentaram um novo modo de fazer educação onde sua marca registrada era a repressão, modelo de educação européia.

A educação vinda de Portugal visava à propagação da fé e para isso foram lançadas as bases de um vasto sistema educacional, que se desenvolveram progressivamente com a expansão territorial da colônia. Gradativamente a cultura dos nativos foi sendo substituída pelas idéias européias. Assim, os missionários atuaram como elementos desintegradores das culturas não-européias. Contudo, os jesuítas eram humanistas por excelência e procuravam transmitir aos discípulos o gosto pelas atividades literárias e acadêmicas, de acordo com a

---

<sup>4</sup> Num programa de entrevista na televisão<sup>1</sup>, o indigenista Orlando Villas Boas contou um fato observado por ele numa aldeia Xavante que retrata bem a característica educacional entre os índios onde ele observava uma índia que fazia alguns potes de barro e, assim que ela terminava de fazê-lo, seu filho, que estava ao lado dela, pegava o vaso e o jogava ao chão quebrando-o. Imediatamente ela iniciava outro e, novamente, assim que estava pronto, seu filho repetia o mesmo ato e o jogava no chão. Esta cena se repetiu por sete potes até que o observador não se conteve e se aproximou da mulher Xavante e perguntou por que ela deixava o menino quebrar o trabalho que ela havia acabado de terminar. No que a mulher índia respondeu: "- Porque ele quer".

<sup>1</sup> Este programa foi citado pelo site <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb01.htm>

concepção de "homem culto" vigente em Portugal. A falta de interesse pelas atividades técnicas e científicas marcou a educação colonial, por sua vez moldada pela da metrópole.

A chegada dos portugueses ao Brasil não trouxe somente a moral e os costumes, mas também a religiosidade europeia e seus métodos pedagógicos. O método pedagógico trazido por eles funcionou por cerca de 210 anos, ou seja, entre 1549 e 1759. Nesse período houve uma nova ruptura na história da educação brasileira: a expulsão dos jesuítas por Sebastião José de Carvalho, o marquês de Pombal, primeiro-ministro de Portugal de 1750 a 1777.

Esta expulsão se deu em função de radicais diferenças de objetivos entre os jesuítas e o marquês de Pombal, pois enquanto os jesuítas tinham como objetivo a cultura clássica e o noviciado, o marquês pensava em reerguer Portugal da decadência que se encontrava diante de outras potências europeias da época. Por isso a educação jesuítica não convinha aos interesses comerciais emanados por Pombal, ou seja, se as escolas da Companhia de Jesus tinham por objetivo servir aos interesses da fé, o primeiro-ministro visava organizar a escola para servir aos interesses do Estado e por isso procurou implementar uma educação que priorizasse a educação do indivíduo em consonância com o estado.

Os jesuítas faziam parte de um grupo cujo nome era "A Companhia de Jesus". Este grupo foi fundado por Inácio de Loyola e um pequeno grupo de discípulos, na Capela de Montmartre, em Paris, em 1534, com objetivos catequéticos, em função da Reforma Protestante e a expansão do luteranismo na Europa.

A primeira vez que os jesuítas pisaram em território brasileiro foi em março de 1549 juntamente com o primeiro governador-geral, Tomé de Souza. Comandados pelo padre Manoel de Nóbrega, o primeiro grupo de seis padres jesuítas, quinze dias após a chegada edificou a primeira escola elementar brasileira, em Salvador, tendo como mestre o Irmão Vicente Rodrigues, marcando o início da História da Educação no Brasil (nos moldes

européus). Irmão Vicente tornou-se o primeiro professor nesses moldes e teve como missão o ensino e a propagação da fé religiosa.

No Brasil a dedicação dos jesuítas era voltada para a pregação da fé católica e o trabalho educativo, pois eles perceberam que não seria possível converter os índios à fé católica sem que estes soubessem ler e escrever. Vinte e um anos após a sua chegada, o território brasileiro já era composto por cinco escolas de instrução elementar (Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente, Espírito Santo e São Paulo de Piratininga) e três colégios (Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia). Desses colégios, dois deles exerceram maior influência (o de Todos os Santos, na Bahia e o de São Sebastião, no Rio de Janeiro). Ambos apresentavam o sistema educacional jesuíta em sua forma mais completa, desde o curso de humanidades até o de teologia e ciências. Eram os centros, por excelência, de formação dos líderes religiosos.

Inácio de Loyola escreveu um documento que regulamentava todas as escolas jesuítas, e em 1599 este documento ganha uma elaboração definitiva a *Ratio atque Institutio Studiorum*, ou chamado abreviadamente de *Ratio Studiorum* ou Plano de Estudos da Companhia de Jesus, que codificava a pedagogia dos jesuítas.

Os jesuítas não se limitaram ao ensino das primeiras letras; além do curso elementar eles mantinham os cursos de Letras e Filosofia, considerados secundários, e o curso de Teologia e Ciências Sagradas, considerados de nível superior, para formação de sacerdotes.

Com a descoberta do Novo Mundo, os índios ficaram à mercê dos interesses alienantes dos povos europeus: as cidades desejavam integrá-los ao processo colonizador; os jesuítas desejavam convertê-los ao cristianismo e aos valores europeus e os colonos estavam interessados em usá-los como escravos. Foi aí que os jesuítas pensaram em afastar os índios dos interesses dos colonizadores e criaram as reduções ou missões, no interior do território. Nestas Missões, os índios, além de passarem pelo processo de catequização, também eram

orientados ao trabalho agrícola, que garantiam aos jesuítas e aos indígenas uma fonte de renda.

As Missões facilitaram substancialmente a captura dos índios pelos colonizadores porque acabaram por transformá-los de nômades em sedentários. No momento da expulsão os jesuítas <sup>possuíam</sup> existiam 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários, além de seminários menores e escolas de primeiras letras instaladas em todas as cidades onde havia casas da Companhia de Jesus. A educação brasileira, com isso, vivenciou uma grande ruptura histórica num processo já implantado e consolidado como modelo educacional.

Com a expulsão do Brasil, saíram de nosso país cerca de 500 jesuítas e com eles foi levada também a organização monolítica baseada no *Ratio Studiorum*. Pouca coisa restou de prática educativa no Brasil, ou seja, tudo que havia de estruturação em termos de sistema educacional brasileiro virou um caos, pois o governo não foi capaz de ocupar o lugar deixado pelos jesuítas.

Do ponto de vista da burguesia, a escola foi direcionada para a formação do ideal republicano e democrático da igualdade de direitos. O direito ao voto veio somar-se à obrigatoriedade escolar e militar.

Para amenizar a crise instalada tentou-se de tudo e ao mesmo tempo em que se suprimia as escolas jesuíticas de Portugal e de todas as colônias, Pombal criava, desde as aulas régias de latim, grego e retórico até o subsídio literário instituído por Portugal para manutenção dos ensinos primário e médio. Este subsídio foi criado em 1772 e era uma taxa, ou um imposto, que incidia sobre alguns produtos como o vinho, o vinagre e a aguardente. Além de exíguo, nunca foi cobrado com regularidade e os professores ficavam longos períodos sem receber vencimentos a espera de uma solução vinda de Portugal.

Os professores eram geralmente mal preparados para a função, já que eram improvisados e, desde esta época, já eram mal pagos. Suas nomeações eram por indicação ou sob concordância de bispos e se tornavam "proprietários" vitalícios de suas aulas régias.

Foi criada também a Diretoria de Estudos que só passou a funcionar após o afastamento de Pombal. Cada aula régia era autônoma e isolada, com professor único e uma não se articulava com as outras.

O resultado da decisão do marquês de Pombal foi que, no princípio do século XIX, a educação brasileira estava reduzida a praticamente nada, o sistema jesuítico havia sido desmantelado e nada que pudesse chegar próximo deles foi organizado para dar continuidade a um trabalho de educação. E esse caos continuou até que a Família Real, fugindo de Napoleão na Europa, resolvesse transferir o Reino para o Novo Mundo, isto é, o Brasil, em 1808.

A implantação de um sistema educacional brasileiro concreto não havia sido possível até então, mas a vinda da Família Real permitiu uma nova ruptura com a situação anterior visto que para a chegada de Dom João VI abriram-se academias militares, escolas de direito e medicina, a biblioteca real, o jardim botânico, a imprensa régia, porém a educação continuou tendo uma importância secundária. Para ratificar esta informação podemos observar que em 1538 já existia universidade nas colônias espanholas (Universidade de São Domingos) e a nossa primeira universidade só foi criada em <sup>1920 RS</sup> 1934, em São Paulo.

Desde estes tempos, pouco se tem feito pela educação brasileira, embora tenha se tentado fazer várias reformas para que fosse possível dar uma guinada em nosso sistema educacional. No entanto, nossa educação continua a ter as mesmas características impostas em todos os países do mundo, que é a de manter o *status quo* para aqueles que freqüentam os bancos escolares.

Porém, depois de todo esse período "tenebroso" sobressaíram-se a criação de um curso de estudos literários e teológicos, em julho de 1776 no Rio de Janeiro, e do Seminário de Olinda, em 1798, por Dom Azeredo Coutinho, governador interino e bispo de Pernambuco. O Seminário de Olinda

*[...] tinha uma estrutura escolar propriamente dita, em que as matérias apresentavam uma seqüência lógica, os cursos tinham uma duração determinada e os estudantes eram reunidos em classe e trabalhavam de acordo com um plano de ensino previamente estabelecido (PILETTI, 1996, p.37).*

Em 1808, isto é, no período Joanino, foi fundada uma escola de educação, onde se ensinavam as línguas portuguesa e francesa, Retórica, Aritmética, Desenho e Pintura.

A vinda da Família Real para o Brasil, segundo o professor Lauro de Oliveira Lima, representou a verdadeira "*descoberta do Brasil*" (LIMA, 1969b, p. 103). Ainda segundo este professor,

*[...] a 'abertura dos portos', além do significado comercial da expressão, significou a permissão dada aos 'brasileiros' (madeiros de pau-brasil) de tomar conhecimento de que existia, no mundo, um fenômeno chamado civilização e cultura (LIMA, 1969b, p. 103).*

Em 1823, na tentativa de amenizar a falta de professores institui-se o Método Lancaster, ou do "*ensino mútuo*", onde um aluno treinado (decurião) ensinava um grupo de dez alunos (decúria) sob a rígida vigilância de um inspetor.

Em 1824 foi outorgada a primeira Constituição brasileira. Inspirada na Constituição francesa é elaborado o artigo 179 desta Lei Magna que dizia que deveria haver a instrução primária e gratuita para todos os cidadãos.

Foi instituído, em 1826, um decreto que criava quatro graus de instrução: Pedagogias (escolas primárias), Liceus, Ginásios e Academias. E, em 1827, um projeto de lei propôs a criação de pedagogias em todas as cidades e vilas, além de prever o exame na seleção de professores, para nomeação. É proposta ainda a abertura de escolas para meninas.

A liberdade do ensino, o ensino laico e a obrigatoriedade de instrução foram sugeridos por Ruy Barbosa em 1882, obedecendo as normas emanadas pela Maçonaria Internacional e em 1835 foi criada a primeira escola normal do Brasil.

Em 1837, foi criado o Colégio Pedro II com o objetivo de se tornar um modelo pedagógico para o curso secundário onde funcionava o Seminário de São Joaquim, na cidade do Rio de Janeiro. Efetivamente o Colégio Pedro II não conseguiu se organizar até o fim do Império para atingir tal objetivo. (?)

Em 17 de fevereiro de 1854 foi elaborado o decreto 1331A que reformulava os ensinos primário e secundário, tornando obrigatório que os professores fossem credenciados. Assim, voltou a fiscalização oficial e foi criada a Inspetoria Geral da Instrução Primária e Secundária. Em 1870, foram criadas a Escola Americana, escola primária de cunho protestante, e o Colégio Piracicabano.

Com exceção da laicidade, que foi decretada como obrigatória na constituição de 1891 (artigo 72, § 6º) em oposição ao ensino religioso, até a Proclamação da República, em 1889 quase nada foi feito de concreto pela educação brasileira. Apesar de sua afeição pessoal pela tarefa educativa, o Imperador D. Pedro II, pouco fez em sua gestão para que se criasse, no Brasil, um sistema educacional.

Seguindo a orientação de tal Constituição Brasileira, Benjamin Constant fez uma reforma no ensino tendo como princípios orientadores a liberdade e laicidade do ensino e também a gratuidade da escola primária. Um dos objetivos desta Reforma era transformar o ensino em formador de alunos para os cursos superiores e não apenas preparador. Outra intenção era substituir a predominância literária pela científica.

Os positivistas criticaram muito esta reforma pelo fato dela não respeitar os princípios pedagógicos de Comte, pois os que defendiam a predominância literária perceberam que o

que aconteceu foi o acréscimo de matérias científicas às tradicionais, tornando o ensino enciclopédico. Os resultados desta Reforma foram desastrosos para a educação brasileira.

Em 1911, surgiu a Lei Orgânica de Rivadávia Correia, estabelecendo o ensino livre e retirando do Estado o poder de interferência no setor educacional e, em 1914, a Europa passou por reformas nos processos educacionais que rompem com o ensino tradicional.

Na década de 1920, devido a industrialização do Brasil, a nova realidade brasileira passou a exigir uma mão-de-obra especializada e para isso era preciso investir em educação. Por isso, em 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública e, em 1931, o governo provisório sancionou decretos organizando o ensino secundário e as universidades brasileiras ainda inexistentes. Estes Decretos ficaram conhecidos como "Reforma Francisco Campos".

Em 1932 foi criado o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* por um grupo de educadores. Este documento foi redigido por Fernando de Azevedo e assinado por outros conceituados educadores da época e tinha como objetivo o combate a subvenção do Estado às escolas particulares que, em geral, eram confesionais. O documento contestava também o ensino religioso oficial nas escolas. Porém, em 1934 a nova Constituição Brasileira (a segunda da República) elaborou um artigo que dispôs, pela primeira vez, que a educação é direito de todos, devendo ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos e a partir desta mesma Constituição (a de 1934), passou a se prever que o ensino religioso seria de frequência facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno manifestada pelos pais ou responsáveis.

Na era Vargas, a reforma Francisco Campos intensificou os debates em torno da política educacional do país, demarcando-se então duas grandes correntes: a dos reformadores, que lutavam por uma crescente democratização da escola - a chamada "escola nova" - e a da igreja, que combatia o laicismo das novas teorias pedagógicas. Essas duas

correntes permaneceram em oposição até 1937, ano em que o golpe de estado instituiu o regime ditatorial. A carta constitucional de 1937 adotou alguns dos principais pontos defendidos pelos reformadores, mantendo o caráter gratuito e compulsório do ensino primário e preocupando-se, sobretudo, com a instrução vocacional e pré-vocacional.

A Constituição de 10 de novembro de 1937 foi outorgada e refletia tendências fascistas. Através de seu texto que sugere o aumento da preparação de pessoas para a mão-de-obra para as novas atividades do mercado, ficou explícita a orientação político-educacional para o mundo capitalista. Essa nova Constituição enfatizou o ensino pré-vocacional e profissional e retirou de seu texto que "*a educação é direito de todos*".

Contraditoriamente propôs que a arte, a ciência e o ensino fossem livres de qualquer tipo de iniciativa e assim tirava do Estado o dever da educação. Contudo, manteve a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário e o ensino de trabalhos manuais em todas as escolas normais, primárias e secundárias.

A Constituição de 1937 deixou clara a distinção entre o trabalho intelectual, para as classes mais favorecidas, e o trabalho manual com ênfase no ensino profissional para as classes mais desfavorecidas. O ensino ficou composto, neste período, por cinco anos de curso primário, quatro de curso ginásial e três de colegial, podendo ser clássico ou científico. O ensino colegial perdeu o seu caráter de preparatório para o ensino superior, e passou a preocupar-se mais com a formação geral e em 1948 o governo, por intermédio do Ministro Clemente Mariani, encaminhou ao Congresso Nacional o projeto de Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional.

A nova Constituição possuía um cunho liberal e democrático, mas na área da Educação, impunha o cumprimento do ensino primário para todos e sobre a competência da União para legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional. A nova Constituição também fez com que voltasse o preceito de que *a educação é direito de todos*, preceito este

inspirado nos princípios proclamados pelos Pioneiros, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, nos primeiros anos da década de 30.

Embora a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional tenha sido um fato marcante, o golpe militar de 1964 faz com que todas as iniciativas de se revolucionar a educação brasileira sejam frustradas, sob o pretexto de que as propostas eram "comunizantes e subversivas".

A educação brasileira, no período do regime militar, teve alguns avanços, dentre eles o pensamento de se erradicar definitivamente o analfabetismo através de um programa nacional, considerando as diferenças sociais, econômicas e culturais de cada região. Foi possível entrever uma nova promessa universitária com a criação da Universidade de Brasília, em 1961, pois foi pensado no fim do exame vestibular, onde o ingresso na Universidade seria através do rendimento do aluno durante o curso de 2o grau (antigo Colegial e atual Ensino Médio).

O Regime Militar deixou claro o caráter anti-democrático de sua proposta ideológica de governo: o Decreto-Lei 477 calou alunos e professores e o Ministro da Justiça da época declarou que "estudantes tem que estudar" e "não podem fazer baderna". E, para acabar com o "excesso" de alunos (aqueles que tiravam notas suficientes, mas não conseguiam vaga para estudar), foi criado o vestibular classificatório.

Para erradicar o analfabetismo foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL. Aproveitando-se, em sua didática, do Método Paulo Freire, o MOBRAL propunha erradicar o analfabetismo no Brasil, contudo não conseguiu e devido às denúncias de corrupção foi extinto.

Em 1964 é realizada a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, patrocinado principalmente por grupos de mulheres. É instituída a Lei 4.024, ou seja, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1971, isto é, no período mais cruel da ditadura militar, onde

qualquer expressão popular contrária aos interesses do governo era abafada, se preciso fosse, até com violência física. A Lei tinha como objetivo principal a tentativa de dar a formação educacional de cunho profissionalizante para todos.

Com o fim do Regime Militar, a educação começa a ser vista de uma forma democrática e aberta voltam a ter o seu sentido pedagógico que havia se perdido quando foi assumido um caráter político.

Atualmente, a Constituição prevê que o “ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental” (artigo 210, § 1º).

Com base na previsão constitucional de 1988, apesar de a Lei Estadual nº 3.459/00 estabelecer que a matrícula é facultativa para o ensino religioso, não poderia colocá-lo à disposição dos alunos apenas na forma confessional, mas deveria privilegiar o ecumenismo, já que o caput do artigo 210 da Constituição estatui que os conteúdos mínimos do ensino fundamental devem assegurar o respeito aos valores culturais, nacionais e regionais.

([http://www.ultimainstancia.com.br/colunas/ler\\_noticia.php?idNoticia=5214](http://www.ultimainstancia.com.br/colunas/ler_noticia.php?idNoticia=5214))<sup>5</sup>

#### **4. História da Escola Dominical no Mundo**

A Igreja é uma instituição humana inspirada por Deus e criada com o propósito de dar continuidade à especial obra de Deus começada por Jesus, no sentido de comunicar ao ser humano, o plano da redenção através de Dele mesmo. A Igreja é composta pelos que crêem ou servos de Deus que foram chamados para a salvação. Entre esses estão os que foram chamados para líderes, recebendo do Espírito Santo dons para que com eles realizem tarefas que fazem parte da missão da igreja na propagação do reino de Deus.

Para isso conta com a Escola Dominical tal como a temos hoje, uma instituição moderna, mas que tem suas raízes profundas no Antigo Testamento, nas prescrições dadas por Deus aos patriarcas e ao povo de Israel. A Escola, como a temos hoje não havia então, mas havia o princípio fundamental – o do ensino bíblico determinado por Deus aos fiéis e aos estranhos ao seu redor.

##### **4.1. No princípio era o verbo**

Ao examinarmos o Pentateuco podemos observar que no início dos tempos bíblicos, os ensinamentos religiosos se davam em casa. Era então esta a escola onde os filhos aprendiam a temer e amar a Deus (Dt 6:7; 11: 18 - 19). Era através dos pais que as mensagens comunicadas aos homens por Deus era passada de geração a geração. Tais ensinamentos eram transmitidos em casa e sem um sistema de instrução organizado.

As crianças aprendiam os mandamentos de Deus pela audição, ou seja, as crianças de uma mesma família ficavam reunidas com seu pai por muitas horas ouvindo as mensagens de Deus aos homens desde a mais tenra idade e assim tais mensagens permaneciam em sua memória indelevelmente.

---

<sup>5</sup> Retirado da coluna de Roberto B. Dias da Silva da revista jurídica *Última Instância*, do dia 04 de outubro de 2004.

No Antigo Testamento, a ênfase é dada à persistência no ensinamento, pois desta forma as crianças não teriam como interpretar os mandamentos divinos de forma diferente do que lhes fora ensinado, visto que o aprendiam desde bem pequeninos.

No Antigo Testamento há exemplos de práticas que aproveitavam as oportunidades educacionais informais, como o uso do lar como “escola” e a responsabilidade dos pais como professores, pois usando estas táticas, o ensinamento ficaria mais intenso.

Ainda nos dias de Moisés havia também reuniões públicas de que participavam homens, mulheres e crianças, aprendendo as leis divinas (Dt 31:12,13).

Já na época dos sacerdotes, reis e profetas de Israel, observamos através dos relatos bíblicos que estes tinham como responsabilidade o culto divino e o encargo do ensino da lei (Dt 24:8; 1ª Sm 12:23; 2ª Cr 15:3; Jr 18:18).

Durante o cativeiro babilônico os judeus, no exílio, privados do seu grandioso templo em Jerusalém, instituíram as sinagogas tão mencionadas no Novo Testamento. A sinagoga era usada como escola bíblica, casa de culto e escola pública.

Na sinagoga a criança recebia instruções religiosas dos cinco aos dez anos de idade; dos dez aos quinze anos, continuava a instrução religiosa, agora com o auxílio dos comentários e tradições dos rabinos. Aos sábados, a principal reunião era matutina, incluindo jovens e adultos.

Na volta do cativeiro, nos dias de Esdras e Neemias, lemos que houve um grande avivamento espiritual entre os israelitas. Esse despertamento teve origem numa intensa disseminação da palavra de Deus e incluiu um vigoroso ministério de ensino bíblico. É dessa época que temos o relato do primeiro movimento de ensino bíblico metódico popular similar ao da nossa Escola Dominical de hoje.

O capítulo 8 do livro de Neemias dá um relato de como era a escola religiosa popular de então – ou como chamamos hoje: Escola Dominical. Esdras era o superintendente (Ne

8:2). O livro-texto eram os rolos de textos do Antigo Testamento que existiam na época; os alunos eram homens, mulheres e crianças (v.3;12:43). Treze auxiliares ajudavam a Esdras na direção dos trabalhos (v. 4) e outros treze serviam como professores ministrando o ensino (v. 7,8). O horário ia da manhã ao meio dia (v. 3). Afirma o versículo 8 que os professores liam a Palavra de Deus e explicavam o sentido para que o povo entendesse. É certo que aí há um problema lingüístico envolvido pois o texto estava escrito em hebraico e o povo falava aramaico após o retorno do exílio. Mas o que sobressaia mesmo era o ensino da Palavra.

Jesus, nos seus dias, glorificava assim a missão de ensinar. Das 90 vezes que alguém se dirigiu a Cristo nos Evangelhos, 60 vezes Ele é chamado de “Mestre”. Grande parte do ministério de Jesus foi ocupado com o ensino. (Mateus 4:23; 9:35; Lucas 20:1). Seu último mandamento à Igreja foi “Ide e ensinai” (Mt 28:19, 20). Sua ordem é clara.

Obedecendo o mandamento e o ensinamento de Jesus, a igreja da atualidade faz da Escola Dominical um lugar onde não somente crianças mas também jovens e adultos possam receber uma formação baseada nos valores cristãos, de maneira que haja uma aprendizagem e uma conseqüente mudança de atitude. Através de minha pesquisa procurei constatar a validade da Escola Bíblica Dominical e sua eficiência no que se propõem, ou seja, ensinar os valores cristãos às pessoas de maneira que essas incorporem esses valores em suas vidas e consigam uma real mudança de atitude e de comportamento.

Sempre pesou sobre o povo de Deus a responsabilidade de ensinar a lei divina. E a missão da transmissão dos ensinamentos cristãos cabe especialmente aos pastores, aos diáconos, aos professores de Escolas Dominicais e aos músicos. A Igreja em sua missão funciona como lugar de culto e adoração e ensino da palavra de Deus. Quanto ao ensino, o seu propósito é fortalecer, conscientizar e preparar o povo de Deus para a realização de um culto racional e para a evangelização, a fim de promover o crescimento do reino de Deus. Para tal utiliza a prática do discipulado através dos ensinamentos ministrados na escola dominical. Os

discípulos / alunos são futuros mestres que darão continuidade ao trabalho do ensino na igreja. É importante salientar que a natureza da Igreja, além de lugar de louvor e adoração é também missionária, pois realiza um dos mandamentos que Deus deixou: “ide por todo o mundo e pregai meu evangelho a toda a criatura” (Mc 16: 15). Mas para executarmos tal tarefa precisamos do devido preparo e este é o objetivo da Escola Dominical.

A Escola dominical também tem o dever de fortalecer o aluno ou discípulo a doutrina bíblica para que a Igreja não venha perder seus filhos, por não conhecerem a sã doutrina, se confundindo com inovações e crenças antibíblicas e fantasiosas.

A escola dominical é uma forma de ensino religioso que ocorre nas comunidades religiosas, ou seja, nas igrejas. Neste caso nas igrejas evangélicas e tem cunho não formal assim como o catecismo, que ocorre nas igrejas católicas.

Conforme a interpretação protestante, as origens da Escola Dominical remontam os tempos bíblicos quando o Senhor ordenou ao seu povo Israel que ensinasse a Lei de geração a geração. Dessa forma, a história do ensino bíblico descortina-se a partir dos dias de Moisés, passando pelos tempos dos reis, dos sacerdotes e dos profetas, de Esdras, do ministério teríamos hoje a Escola Dominical.

A atual Escola Dominical nasceu de visão de um homem que se compadeceu de umas crianças de sua cidade. Ele quis dar-lhes um novo e promissor horizonte pois não tinha como ficar insensível diante da situação daqueles meninos e meninas que perambulavam sem rumo pelas ruas de Gloucester. Os menores daquela cidade localizada no Sul da Inglaterra perambulavam pelas ruas, entregues à delinqüência, pilhagem, ociosidade e ao vício, roubavam, viciavam-se e eram viciados, achavam-se sempre envolvidos nos piores delitos; a delinqüência infantil era um problema que parecia insolúvel pois estes jovens estavam sem qualquer orientação espiritual.

Robert Raikes foi movido por um grande sentimento de amor, solidariedade e compaixão pelo próximo e assim iniciou-se a escola dominical na Inglaterra. Nascido em 14 de setembro de 1736, Robert Raikes, jornalista evangélico (episcopal) inglês, redator do **Gloucester Journal**, fundou em 1780, então, com 44 anos, a escola dominical. Ele, que já trabalhava há quinze anos entre os detentos das prisões da cidade, pensou no futuro daquelas crianças e decidiu fazer algo em seu favor, a fim de que mais tarde elas também não fossem para a cadeia. Raikes procurava as crianças tanto nas ruas quanto na casa de seus pais e as conduzia ao local da reunião, fazendo-lhes apelos para que todos os domingos estivessem ali reunidas. O início do trabalho não foi fácil.

A escola dominical teve suas primeiras aulas aos domingos pela manhã para crianças sobre leitura, escrita, aritmética, instrução moral e cívica e conhecimentos religiosos e não tinha exatamente o modelo atual, pois funcionava como escola de instrução popular gratuita, o que fez com que viesse a ser uma das precursoras do moderno sistema de ensino público. As primeiras professoras foram assalariadas por Raikes.

Outro grande promotor da Escola Dominical então incipiente foi o batista londrino William Fox, que trabalhou harmoniosamente com Raikes. O ensino das Escrituras consistia quase sempre de leitura e recitação. Em seguida, teve início a prática de comentar os versículos lidos. Muito depois é que surgiu a revista da Escola Dominical, com lições seguidas e apropriadas.

Raikes, ao fundar a primeira Escola Dominical em 20 de setembro de 1780, estabeleceu o seguinte: desenvolver inicialmente uma fase experimental de três anos de trabalho. Após isso, conforme os frutos produzidos, ele divulgaria ao mundo tudo sobre o trabalho em andamento. Nessa fase experimental (1780-1783), Raikes fundou sete Escolas Dominicais somente em Gloucester, tendo cada uma 30 alunos em média.

Em 03 de novembro de 1783 foi instituído o Dia Natalício da Escola Dominical, pois Raikes, após três anos de experiência com sete Escolas Dominicais em casas particulares e com 30 alunos em cada uma delas, alcançou êxito em seu trabalho com a transformação na vida de duas crianças. A Escola Dominical passou das casas particulares para os templos, os quais passaram a encher-se de crianças.

Em 1785, surgiram as primeiras Bíblias, Testamentos e Livros para serem usados especialmente nas Escolas Dominicais organizadas por Raikes como primeira União de Escolas Dominicais, em Gloucester, com ajuda de William Fox. Raikes publicou o **Sunday School Companion**, que era um simples livro de leitura de versículos bíblicos. Foi iniciado o movimento de Escolas Dominicais nos Estados Unidos da América, na Casa de William Elliott, inspirado nos exemplos britânicos.

Foi fundada, em 1790, a primeira União de Escolas Dominicais dos EUA, em Filadélfia, para prover salas de aulas e professores para as escolas. Em Charleston, EUA, a Conferência Metodista reconheceu oficialmente as suas Escolas Dominicais.

Contudo, surgiram fortes ataques contra a Escola Dominical em 1800. Raikes foi acusado de "profanador do Dia do Senhor", pelo fato de fazer funcionar a Escola aos domingos. Tal acusação partiu dos religiosos da época. No Parlamento chegou a ser apresentado um decreto para proibir Escolas Dominicais em toda a Inglaterra. Tal decreto jamais foi aprovado.

A separação de classes para que adultos analfabetos, assim como as crianças, também pudessem aprender a ler a Bíblia surgiu em 1811 e o movimento referente às Escolas Dominicais foi crescendo gradativamente. No mesmo ano, no dia 5 de abril, morreu Robert Raikes, aos 76 anos de idade, tendo a Escola Dominical se espalhado por toda a Inglaterra e em outras partes do mundo.

A Escola Dominical foi uma criação que deu tão certo que os primeiros missionários que chegaram no Brasil procuraram organizá-la imediatamente. O casal Robert e Sarah P. Kalley fundaram a primeira escola dominical no Brasil em 19 de agosto de 1855 e a escola dominical existe até hoje em todas as igrejas evangélicas!

#### **4.2. A escola dominical no Brasil**

Em 1836, o Reverendo Justin Spaulding, da Igreja Metodista, organizou no Rio de Janeiro, entre estrangeiros, uma congregação com cerca de 40 pessoas e em junho abriu uma Escola Dominical com 30 alunos, dos quais alguns eram brasileiros, ensinados na sua própria língua.

A primeira aula de Escola Dominical no Brasil foi realizada em 19 de agosto de 1855 por Robert Kalley e sua esposa Sarah Poulton. Os missionários escoceses Robert (1809/1888) e Sara Kalley (1825/1907) são considerados o casal fundador da Escola Dominical no Brasil. Em 19 de agosto de 1855, na cidade imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro, eles dirigiram a primeira Escola Dominical em terras brasileiras e em língua local. Sua audiência não era grande; apenas cinco crianças assistiram àquela aula que aconteceu na residência do casal na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro. Mas foi suficiente para que seu trabalho florescesse e alcançasse os lugares mais retirados de nosso país, o que resultaria na fundação da Igreja Evangélica Fluminense, embrião da Igreja Congregacional.

Antes de 1855 tiveram reuniões de Escola Dominical no Rio de Janeiro, porém, como foi dito anteriormente, em caráter interno e no idioma inglês, entre os membros da comunidade americana.

## 5. Análise dos resultados

Minha pesquisa foi feita com base em um questionário onde constavam onze perguntas que foi respondido por cinco professoras do ensino fundamental. Sendo três de instituições privadas e duas de instituições públicas. As docentes entrevistadas consentiram a divulgação dos seus nomes.

Dentre as três professoras de instituições privadas, uma delas, Priscilla Rodrigues de Souza, do Colégio CIAM, respondeu que em sua turma de 10 alunos não tem crianças evangélicas em sua classe. Ela afirma que fez essa descoberta através de conversas com os alunos. Entretanto, as outras duas professoras disseram que perceberam a presença de crianças evangélicas e notaram um diferencial em seu comportamento.

Carla Regina Barros Vieira, uma das professoras de outra instituição privada (Instituto de Educação Laufa), tem 07 alunos e 05 deles são evangélicos. Ela disse que fez essa descoberta através de debates em sala de aula que ocorreram no início do ano. Já Michelle Silva dos Santos, a outra professora da mesma instituição da professora Carla, tem 10 alunos em sua classe e 04 deles são evangélicos. Ela informou que descobriu a existência dessas crianças em sua classe por meio de conversas sobre as férias das crianças também no início do ano.

Ambas disseram que a principal diferença comportamental entre as crianças evangélicas e as não evangélicas era o uso de palavrões por estas. Contudo, uma das professoras também reparou que as crianças não evangélicas são mais maliciosas.

Para ambas, a diferença comportamental das crianças evangélicas é atribuída a família. Mas para Michelle, essa diferença também se dá pelo fato de que as crianças evangélicas frequentam suas igrejas e lá têm uma educação baseada em preceitos cristãos, éticos, morais, cívicos.

Para ambas as professoras, o relacionamento entre crianças evangélicas e não evangélicas é bom, entretanto, no início do período letivo, Carla afirma que as crianças não evangélicas implicavam com as evangélicas pelo fato destas quererem orar antes das coisas que faziam, como por exemplo, antes das provas.

Já a professora Michelle, percebeu que as crianças não evangélicas demonstravam interesse em saber como eram as igrejas das crianças evangélicas, as atividades que lá ocorriam, etc.

Em relação ao relacionamento professor-aluno, as duas professoras citadas, Carla e Michelle, relataram que a relação entre elas e as crianças evangélicas é boa e que essas crianças sempre comentam sobre fatos ocorridos na igreja e sempre querem conversar sobre esse tipo de assunto.

No caso das duas professoras de instituição pública, mas precisamente do CIEP do Sambódromo, tanto Ema Cristina, que tem 25 alunos em sua classe, quanto Maria Rosa Queiroz, que tem 27 alunos em sua turma, disseram que têm alunos evangélicos em sua turma.

Ema Cristina falou que para descobrir a respeito das crianças faz entrevistas com os pais :

*A escola tem e deve estar preocupada com a vida cotidiana dos seus alunos, logo, primeiramente é realizada uma entrevista com o responsável, de preferência pai ou mãe, com o objetivo de fornecer ao professor dados da rotina da vida desses alunos, como por exemplo, lazer, hábitos em geral, algum tratamento médico, dentário, etc. A entrevista tem por objetivo ajudar na elaboração dos objetivos didáticos, planejamento e desenvolvimento dos conteúdos, avaliações e reformulações. Posteriormente, através da própria rotina da sala de aula, linguagem gestual e verbal dos alunos e através de conversas informais e reuniões pedagógicas realizadas com pais e responsáveis.*

Ema Cristina informou que pouco menos da metade de sua turma, ou seja, 11 crianças são evangélicas. Já Maria Rosa nos informou que na sua turma, somente cinco crianças não são evangélicas.

Maria Rosa e Ema Cristina disseram que tanto elas, quanto as demais professoras da instituição em que trabalham percebem as diferenças comportamentais dos pequenos evangélicos.

Segundo uma das professoras entrevistadas no CIEP do Sambódromo (Ema Cristina), as crianças evangélicas são mais obedientes, disciplinadas, organizadas, prestativas, calmas e atendem mais as solicitações das professoras. No entanto, não questionam muito as ordens e solicitações que recebem e são mais dependentes da aprovação da professora e dos coleguinhas.

Em relação as festas folclóricas e algumas atividades relacionadas a outros credos religiosos, muitas crianças têm dificuldade em participar e muitas vezes até se recusam a fazê-lo. Isso se dá às vezes por imposição dos pais.

Quanto as crianças não evangélicas, as docentes disseram que as crianças não evangélicas são mais agitadas, agressivas e não costumam esperar sua vez para falar. Porém, se destacam na questão da liderança sobre os colegas evangélicos.

Essas diferenças comportamentais entre evangélicos e não evangélicos é atribuída, também pelas professoras de instituição pública, a família. No que diz a respeito a relação das crianças evangélicas com as não evangélicas, essas docentes, assim como as docentes da instituição privada, disseram que o relacionamento é normal. Entretanto, assim como na escola particular, no início da convivência em turma no CIEP, havia uma divisão de grupos (evangélicos x não evangélicos). Mas com o tempo isso foi se dissipando. No tange a relação das docentes com seus alunos, a relação é muito boa.

Em minha pesquisa em relação a influência da religião no comportamento das crianças, pude observar através das respostas apresentadas no questionário elaborado e analisado que as crianças evangélicas possuem um comportamento diferenciado das demais crianças.

No entanto, verifiquei que essa influência se dá não somente por causa da religião e dos ensinamentos aprendidos e apreendidos na igreja, mas também, e principalmente, por causa da família.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Inicialmente, o presente trabalho apresentou uma definição sucinta do que é educação tanto formal quanto não formal, o que diz a Constituição Brasileira a respeito de educação, o que vem a ser educação religiosa e sua função tanto na escola quanto na igreja.

No capítulo seguinte foi apresentado um breve histórico da educação religiosa no mundo e este teve como destaque o funcionamento da educação religiosa nos quatro primeiros séculos, a sistematização da base doutrinária e da estrutura eclesial do cristianismo, a Reforma Protestante, suas causas e conseqüências e a criação da Escola Dominical.

No terceiro capítulo foram abordados os seguintes temas: a educação brasileira, seus objetivos e pretensões. Foi tratada também a influência da família real portuguesa, após sua chegada, no modo de vida local e a importância dos jesuítas para a estruturação da educação brasileira, crise instalada após esta expulsão, a criação do *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*, a criação da *Lei de Diretrizes e Bases*, a criação de tantas outras leis em relação a educação brasileira e as mudanças ocorridas no país desde o descobrimento até os dias atuais.

No capítulo posterior foi abordada a história da Escola Bíblica Dominical no mundo e os motivos e os objetivos de sua criação.; e ainda os temas do surgimento da escola bíblica dominical brasileira e da importância do ensino religioso desde antes de Cristo até os dias atuais.

Finalmente, no capítulo 5 foi feita a análise dos resultados da pesquisa feita onde pude perceber que o trabalho feito com as crianças na Escola Bíblica Dominical atinge seu objetivo no que tange a sua mudança comportamental. Contudo, percebi que a família tem muita influência nesta mudança. Através das respostas obtidas por intermédio dos questionários ficou claro que uma família presente e bem estruturada é mais importante e tem mais mérito no ensinamento dos valores cristãos, éticos, morais e sociais que os ensinamentos religiosos

ministrados nas igrejas. No que tange ao ensinamento de religião na escola, é necessário que o professor observe que o aluno não é obrigado a assistir às aulas de ensino religioso e nem ser reprovado por falta ou nota, isso seria ilegal e inconstitucional. Já no caso de colégio privado que opte pelo caráter confessional, e que for assim reconhecido e autorizado pelo Estado, a opção deve ficar explícita para a comunidade e a escola poderá cobrar a presença nesta aula.

Quanto a manifestação da religiosidade da criança, esta não pode ser forçada a se manifestar nesse sentido assim como não pode ser impedida de manifestá-la. Esse tipo de atitude do docente pode gerar constrangimento, vergonha e medo e até mesmo fazer com que o discente desenvolva esses sentimentos em relação a ser quem é, porque se sentirá "diferente" do que os outros dizem que deveria ser. Isso também deve valer para quem não está filiado a uma religião ou escolheu ser ateu.

Faz-se necessário que o professor tenha consciência de que serve de exemplo para muitas crianças e que sua fé não deve ter nenhuma influência sobre elas, pois desta forma poderá haver danos na construção da identidade do indivíduo. Quanto ao modo como o professor <sup>se</sup> relaciona e demonstra suas reações frente as diferentes religiões, é importante que o docente não reprove ou discrimine seus alunos pela sua crença ou pela manifestação desta visto que isso pode prejudicar o processo de ensino-aprendizagem dos seus discentes.

De certo modo, foi percebida uma diferença na conduta das crianças, esta diferença também a ação educadora das escolas dominicais. Para a melhor realização dos objetivos das Escolas Bíblicas Dominicais a atuação do professor é muito importante.

No caso do professor da escola dominical, isso é ainda mais importante, pois diferentemente do pregador, que anuncia ou expõe o evangelho, ou seja, a Palavra de Deus, em busca de ganhar das almas perdidas, o professor tem como missão instruir, simplificar as verdades bíblicas, ilustrá-las, dissecar o texto bíblico e repetir os ensinamentos bíblicos até que todos entendam as verdades que ele deseja transmitir.

O professor da escola dominical tem como finalidade de aperfeiçoar /equipar os discípulos para duas coisas importantes que são: que os santos, como um corpo, se edifiquem através do correto exercício dos dons espirituais e para que os santos exerçam, no mundo, a principal obra do ministério apresentado na Bíblia, isto é, a pregação do Evangelho até aos confins da terra.

Contudo, a igreja não tem como função somente o aperfeiçoamento dos discípulos, mas também a solidariedade e o sentimento de profundo amor expresso no capítulo I Jô 3:16-18 e talvez seja o ensinamento destes sentimentos de solidariedade e amor profundo que fazem com que as crianças evangélicas sejam mais calmas, obedientes, etc.

O professor evangélico tem como função em sua igreja mais do que ensinar as verdades bíblicas, mas ajudar o grupo a seguir seu caminho, orientando, sugerindo, trabalhando com a equipe porque ele não apenas se destaca do grupo, como o influencia de alguma forma. Daí a necessidade de treinamento para professores em nossas igrejas para que a influência sobre os grupos seja positiva, sadia e cristã.

Para que isso aconteça é necessário que o docente conheça técnicas, tipos de personalidades e comportamentos humanos para que desenvolva com mais eficiência sua influência sobre um grupo de pessoas. É bom esse conhecimento, pois num momento de crise na liderança, ele terá ferramenta para empregar.

No entanto, devemos tomar cuidado para que não caiamos num dos principais problemas enfrentados pelas igrejas do século vinte e um que é o de transformar em absolutos as coisas que não o são e a igualar as tradições com as verdades bíblicas, ao invés de dar lugar a orientação supracultural da Bíblia.

O que devemos ter em nossas mentes é que não há padrões absolutos para desenvolver formas e estruturas que nos ajudem a transformar-nos em uma igreja neotestamentária do século vinte e um onde quer que estejamos localizados. O que pode funcionar em uma

comunidade, pode não funcionar em outra. Assim, é perigoso emprestar programas da mesma forma que é perigoso fazê-lo nas escolas formais. O que devemos fazer é procurar e aplicar os princípios supraculturais da Bíblia – aqueles princípios que funcionarão em qualquer cultura e em qualquer momento da história.

Algumas recomendações podem, ainda, ser feitas no sentido de contribuir para a melhoria do trabalho dos professores de escolas formais em relação as diferenças comportamentais das crianças que freqüentam as Escolas Bíblicas Dominicais:

- Realização de reuniões mensais de docentes nas Escolas em horários alternativos, com a presença dos Supervisores Educacionais;
- Capacitação voltada para temas tais como: projeto político-pedagógico, planejamento de ensino, metodologia, avaliação diagnóstica e Progressão Continuada.
- Ampliação da discussão sobre a construção de relatórios democratizados.

Promoção de evento com professores do Município que atuam com as turmas da Progressão Continuada, envolvendo compartilhamento de experiências positivas entre eles. Desta forma, a própria SEMECD deverá ter a iniciativa de estruturar um trabalho de requalificação de seus profissionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 5 ed. Campinas: Papirus, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 6 ed. Campinas: Papirus, 2000.
- FERNANDES, Madalena. **Afinal, o que é o ensino religioso?** 2 ed. São Paulo: Paulus, 2000.
- GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1999.
- GETZ, Gene A. **A estatura de uma Igreja Espiritual**. São Paulo: Vida, s/d.
- HURST, D. V. **E ele concedeu uns para mestres**. 4 ed. São Paulo, Vida, 1994.
- LIMA, Lauro de Oliveira. **Estórias da Educação no Brasil: de Pombal a Passarinho**. 3. ed. Rio de Janeiro: Brasília, 1969b. 363 p.
- PEARLMAN, Myer. **Ensinando com êxito na escola dominical**. 7 ed. São Paulo: Vida, 2003.
- PEDRO, Antonio. **História: Compacto - 2º Grau**. ed. atual., ampl. e renovada. São Paulo: FTD, 1995.
- PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- SILVA, Valmor da (org.). **Ensino Religioso: educação centrada na vida: subsídio para a formação de professores**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SISEMORE, John T. **Os fundamentos da educação religiosa**. 2 ed.. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.
- GUIMARÃES, Arthur. **Nova Escola**, São Paulo, n. 167, nov. 2003. Disponível em: [http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/167\\_nov03/html/religiao](http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/167_nov03/html/religiao). Acesso em: 5 set. 2004.
- \_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.bernerartes.com.br/ideiasedicadas/historia/escoladominical.htm>. Acesso em 21 set. 2004
- \_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.coladaweb.hpg.ig.com.br/diversos/educacao.htm>. Acesso em 13 out. 2004.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.ebdweb.com.br/ensino/ebd.htm>. Acesso em 28 out. 2004.

\_\_\_\_\_. Disponível em:  
[http://www.grupoemaus.com.br/confessionais/martin\\_lutero\\_arquivos/formacao\\_escolar\\_luterana.htm](http://www.grupoemaus.com.br/confessionais/martin_lutero_arquivos/formacao_escolar_luterana.htm). Acesso em 09 nov. 2004.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/textos/educacao.htm>. Acesso em: 17 nov. 2004.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb02.htm>. Acesso em: 25 nov. 2004.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.proex.ufu.br/popular/Fundamentos.asp>. Acesso em 08 dez. 2004.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.profabeatriz.hpg.ig.com.br/literatura/classicismo.htm>. Acesso em 17 dez. 2004.

\_\_\_\_\_. Disponível em: [http://www.saberhistoria.hpg.ig.com.br/nova\\_pagina\\_30.htm](http://www.saberhistoria.hpg.ig.com.br/nova_pagina_30.htm). Acesso em 22 dez. 2004.

\_\_\_\_\_. Disponível em: [http://www.saf.org.br/sugestao\\_programas/ebd.php3](http://www.saf.org.br/sugestao_programas/ebd.php3). Acesso em 07 jan. 2005.

\_\_\_\_\_. Disponível em  
[http://www.ultimainstancia.com.br/colunas/ler\\_noticia.php?idNoticia=5214](http://www.ultimainstancia.com.br/colunas/ler_noticia.php?idNoticia=5214). Acesso em 21 jan. 2005

## QUESTIONÁRIO

- Quantas crianças há em sua classe?
- Você sabe se há em sua classe crianças evangélicas?
- Como você fez essa descoberta?
- Quantas crianças são evangélicas em sua classe?
- Você percebe alguma diferença comportamental entre as crianças evangélicas e as demais?
- Quais os comportamentos que as crianças evangélicas têm que as outras crianças não têm?
- Quais os comportamentos que as outras crianças têm que as evangélicas não têm?
- A que você atribui essas diferenças comportamentais?
- Como é o relacionamento das crianças evangélicas com as crianças não evangélicas?
- Como é o relacionamento das crianças não evangélicas com as evangélicas?
- Como é o relacionamento das crianças evangélicas com você?

## RESPOSTAS DA PROFESSORA PRISCILLA RODRIGUES DE SOUZA

Quantas crianças há em sua classe?

Dez.

Você sabe se há em sua classe crianças evangélicas?

Sim. Não há crianças evangélicas em minha turma.

Como você fez essa descoberta?

Através de rodinhas de conversa com os alunos.

Quantas crianças são evangélicas em sua classe?

Nenhuma.

Você percebe alguma diferença comportamental entre as crianças evangélicas e as demais?

Quais os comportamentos que as crianças evangélicas têm que as outras crianças não têm?

Quais os comportamentos que as outras crianças têm que as evangélicas não têm?

A que você atribui essas diferenças comportamentais?

Como é o relacionamento das crianças evangélicas com as crianças não evangélicas?

Como é o relacionamento das crianças não evangélicas com as evangélicas?

Como é o relacionamento das crianças evangélicas com você?

## RESPOSTAS DA PROFESSORA MICHELLE SILVA DOS SANTOS

Quantas crianças há em sua classe?

Dez.

Você sabe se há em sua classe crianças evangélicas?

Sim.

Como você fez essa descoberta?

No primeiro dia de aula conversamos sobre vários assuntos. No meio da conversa perguntei o que eles fizeram nas férias e um dos meninos me disse que o que ele mais fez foi ir à igreja, então perguntei a ele qual era a igreja que ele freqüentava e ele me responder: Eu sou da batista. Com isso, as demais crianças começaram a dizer seu credo religioso.

Quantas crianças são evangélicas em sua classe?

Quatro.

Você percebe alguma diferença comportamental entre as crianças evangélicas e as demais?

Sim.

Quais os comportamentos que as crianças evangélicas têm que as outras crianças não têm?

Criança é sempre criança, independente de religião, porém, havia pequenas diferenças das evangélicas para as não evangélicas, como, por exemplo, não falavam palavrão e quando alguém falava, eles sempre vinham me contar.

Quais os comportamentos que as outras crianças têm que as evangélicas não têm?

Não acham nada de mais falar palavrão. Tem mais malícia, que muitas vezes é influenciada pelo meio onde vivem.

A que você atribui essas diferenças comportamentais?

Acredito que a forma como são criados influencia muito no comportamento. O que aprendem na igreja também influencia muito no comportamento das crianças evangélicas.

Como é o relacionamento das crianças evangélicas com as crianças não evangélicas?

O relacionamento é normal. Às vezes as crianças evangélicas corrigem as outras em sua forma de agir ou falar. Como por exemplo: não fala isso ou não faz isso porque Papai do céu não gosta.

Como é o relacionamento das crianças não evangélicas com as evangélicas?

Também é normal. Porém fazem perguntas sobre a igreja, eventos infantis demonstrando às vezes o interesse em ir conhecer, devido a alegria que as evangélicas tinham de falar sobre Deus e sobre suas igrejas.

Como é o relacionamento das crianças evangélicas com você?

É ótimo, pois pelo fato de ser também evangélica, as crianças se sentem a vontade para fazerem perguntas do tipo: tia, você foi ou vai a tal evento? Você conhece o louvor tal?

Às vezes querem que eu conte alguma história da Bíblia para seus colegas, conversam comigo sobre algo que aprenderam na escola dominical e querem muitas vezes que eu faça igual.

## RESPOSTAS DA PROFESSORA CARLA REGINA BARROS VIEIRA

Quantas crianças há em sua classe?

Sete.

Você sabe se há em sua classe crianças evangélicas?

Sim.

Como você fez essa descoberta?

Em debates feitos em sala de aula no início do ano.

Quantas crianças são evangélicas em sua classe?

Cinco.

Você percebe alguma diferença comportamental entre as crianças evangélicas e as demais?

Sim. Pequenas, mas houve.

Quais os comportamentos que as crianças evangélicas têm que as outras crianças não têm?

As crianças evangélicas não falavam palavras fortes (palavrão).

Quais os comportamentos que as outras crianças têm que as evangélicas não têm?

Adoravam dançar pagode e outros ritmos.

A que você atribui essas diferenças comportamentais?

Exemplos familiares.

Como é o relacionamento das crianças evangélicas com as crianças não evangélicas?

Não havia muitas diferenças, porém devido as evangélicas serem em maior número, exerciam positivamente influencia sobre as não evangélicas.

Como é o relacionamento das crianças não evangélicas com as evangélicas?

No início havia uma certa implicância dos não evangélicos, pois não gostavam da forma como os evangélicos se comportavam como, por exemplo, quando falavam em fazer oração antes da prova.

Como é o relacionamento das crianças evangélicas com você?

Eles sempre comentavam alguns fatos relacionados com a igreja. Como, por exemplo, eventos e atualidades.

## RESPOSTAS DA PROFESSORA MARIA ROSA QUEIROZ

Quantas crianças há em sua classe?

Vinte e sete.

Você sabe se há em sua classe crianças evangélicas?

Sim.

Como você fez essa descoberta?

Em debates e conversas feitos em sala de aula no início do ano.

Quantas crianças são evangélicas em sua classe?

Quatorze.

Você percebe alguma diferença comportamental entre as crianças evangélicas e as demais?

Sim. Percebo diferença também nos pais destas crianças.

Quais os comportamentos que as crianças evangélicas têm que as outras crianças não têm?

As crianças evangélicas se comportavam melhor, são mais tranquilas e obedientes.

Quais os comportamentos que as outras crianças têm que as evangélicas não têm?

As crianças não evangélicas são mais bagunceiras, brigam mais, xingam, etc.

A que você atribui essas diferenças comportamentais?

Acredito que essas diferenças se dão por causa da família e também do que aprendem na igreja.

Como é o relacionamento das crianças evangélicas com as crianças não evangélicas?

O relacionamento das crianças é bom até porque, acredito que elas ainda não se importem muito com questões como religião.

Como é o relacionamento das crianças não evangélicas com as evangélicas?

No início haviam grupinhos separados, evangélicos e não evangélicos, mas depois foi havendo uma boa integração.

Como é o relacionamento das crianças evangélicas com você?

Muito bom. Há um grande entrosamento, as crianças são bastante carinhosas, amigas, companheiras.

## RESPOSTAS DA PROFESSORA EMA CRISTINA

Quantas crianças há em sua classe?

Vinte e cinco.

Você sabe se há em sua classe crianças evangélicas?

Sim, na turma há crianças evangélicas.

Como você fez essa descoberta?

A escola tem e deve estar preocupada com a vida cotidiana dos seus alunos, logo, primeiramente é realizada uma entrevista com o responsável (de preferência pai ou mãe), com o objetivo de fornecer ao professor dados da rotina de vida desses alunos.

Exemplos: lazer, hábitos em geral, algum tratamento médico, dentário, etc.

A entrevista tem por objetivo ajudar na elaboração dos objetivos didáticos, planejamento e desenvolvimento dos conteúdos, avaliações e reformulações. Posteriormente através da própria rotina da sala de aula, linguagem gestual e verbal dos alunos e através de conversas informais e reuniões pedagógicas realizadas com pais e responsáveis.

Quantas crianças são evangélicas em sua classe?

Onze crianças são evangélicas praticantes, ou seja, freqüentam regularmente os cultos e as atividades realizadas por suas igrejas.

Você percebe alguma diferença comportamental entre as crianças evangélicas e as demais?

Sim. Não somente eu como as demais professoras da escola constatamos diferenças comportamentais nos alunos evangélicos da escola como um todo.

Quais os comportamentos que as crianças evangélicas têm que as outras crianças não têm?

Observei que os alunos evangélicos são basicamente mais disciplinados, tendem a obedecer mais facilmente e atender quando são solicitados. Mas, não questionam determinadas ordens

ou solicitações, simplesmente obedecem (observação: quando condizentes com a sua prática religiosa).

São mais organizados, mas, por vezes, se mostram dependentes dos coleguinhas e da aprovação da professora. São mais prestativos e calmos. Tem dificuldade (muitas vezes se recusam) a participar de algumas atividades, por exemplo, se recusam a tirar a camisa na hora de uma atividade de educação física, não querem cantar canções ou participar de danças que fazem parte do folclore brasileiro (exemplo: festas juninas e religiosas, páscoa, carnaval).

Percebo que muitas crianças até gostariam de participar mas se recusam por imposição dos pais.

Quais os comportamentos que as outras crianças têm que as evangélicas não têm?

As crianças não evangélicas são mais agitadas, ao esperam a vez para falar ou expressar suas idéias e vontades, são mais agressivas com os colegas, se expressam muito mais através de alguns palavrões e gritos, “aparentemente” parecem ter mais liderança sobre os colegas evangélicos.

A que você atribui essas diferenças comportamentais?

A prática familiar das diferentes famílias. As famílias evangélicas demonstram maior interesse na rotina escolar de seus filhos e colaboram mais quando solicitados. Dedicam mais tempo e atenção a seus filhos.

Como é o relacionamento das crianças evangélicas com as crianças não evangélicas?

De maneira geral normal. Até porque conversamos muito e procuramos aprender e demonstrar respeito individual e coletivo. Pensar a vida significa pensar relações entre o vivo, o inerte, o homem, a natureza, as diferentes linguagens e manifestações religiosas, as incompatibilidades e até os silêncios.

Pensar a escola, conseqüentemente, significariam aceitar e assumir que estas mesmas relações estejam presentes também no espaço escolar.

Como é o relacionamento das crianças não evangélicas com as evangélicas?

No início formavam grupos visivelmente reconhecidos por suas linguagens e comportamentos, mas aos poucos o entrosamento e a socialização permitiram que os alunos viessem a interagir e a compartilhar experiências.

Como é o relacionamento das crianças evangélicas com você?

Muito bom, pois acredito que a função da escola não é mais de igualar os indivíduos através dos valores, crenças e conhecimentos.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO - CURSO DE PEDAGOGIA**  
**DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**  
**DISCIPLINA: MONOGRAFIA II**

**Aluna:** Carla Silva Alves

**Título do Trabalho Monográfico:** *EDUCAÇÃO RELIGIOSA INFLUENCIA NO COMPORTAMENTO*

**Orientadora:** Valéria Cristina Lopes Wilke

**FICHA DE AVALIAÇÃO**

**Primeiro avaliador:** Professora Leitora

**Professora:** Ângela Maria Martins

**Nota:** 9,0 (NOVE)

**Considerações Finais:**

O tema desenvolvido na monografia, a  
educação religiosa e sua influencia no com-  
portamento é bastante interessante. Háve uma  
boa sistematização de ideias, como também  
um bom desenvolvimento histórico sobre  
o tema. Mas creio que a monografia poderia

ter explorado um pouco mais a influência da educação religiosa no comportamento das crianças mostrando a complexidade dessa influência. Escrevo a nota nove (9,0) à monografia. Oishi

**Segundo avaliador: Professora Orientadora**

**Professora: Valéria Wilke.**

**Nota:** 10,0

**Considerações Finais:**

O tema escolhido é inovador e por isso a aluna encontrou várias dificuldades no que tange à bibliografia. Contudo, a aluna persistiu na sua escolha e buscou construir um pensamento próprio de modo fundamentado.

Por sua coragem de enfrentar um tema inovador, pelo modo como buscou construir sua reflexão, confiro a nota 10,0.

Valéria Wilke

Terceiro avaliador: Professora da Disciplina Monografia II

Professora: Lígia Martha C. da Costa Coelho

Nota: 9,5

Considerações Finais:

*Apresenta os principais elementos formais de um trabalho científico. Necessita de uma pequena revisão textual.*



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO - CURSO DE PEDAGOGIA**  
**DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**  
**DISCIPLINA: MONOGRAFIA II**

**Aluna:** Carla Silva Alves

**Título do Trabalho Monográfico:** *EDUCAÇÃO RELIGIOSA INFLUENCIA NO COMPORTAMENTO*

**Orientadora:** Valéria Cristina Lopes Wilke

**RESULTADO FINAL**

<b>Avaliador 1</b>	<b>Avaliador 2</b>	<b>Avaliador 3</b>	<b>Pontos</b>	<b>Nota Final</b>
9,0	10,0	9,5	28,5	9,5

Rio de Janeiro, 23/03/2005

*Ed. Collier*

**QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES**

Mês JULHO

Dia	08	11		
Atividade	INDICAÇÃO DE BIBLIOGRAFIA	INDICAÇÃO DE BIBLIOGRAFIA		
Professor	Valina Wille	Valina Wille		
Aluno	Caifa	Caifa		

Mês SETEMBRO

Dia	01	17	30	
Atividade	APRESENTAÇÃO DO PROJETO	APRESENTAÇÃO DO SUMÁRIO	MOSTRA DE MONOGRAFIA	
Professor	Valina Wille	Valina Wille	Valina Wille	
Aluno	Caifa	Caifa	Caifa	

Mês DEZEMBRO

Dia	02	07		
Atividade	EMAIL COM QUESTIONÁRIO DA MONOGRAFIA	CORREÇÃO DO QUESTIONÁRIO DA MONOGRAFIA		
Professor	Valina Wille	Valina Wille		
Aluno	Caifa	Caifa		

Mês JANEIRO

Dia	17	18		
Atividade	PRE-APRESENTAÇÃO DE MONOGRAFIA	FECHAMENTO DA MONOGRAFIA		
Professor	Valina Wille	Valina Wille		
Aluno	Caifa	Caifa		